

S E N A D O R

MAURÍCIO CORRÊA

EM DEFESA DA  
EMBRAPA

BRASÍLIA  
1991

Em defesa da EMBRAPA.

1991

FL - 00408



SENADOR MAURÍCIO CORRÊA



# EM DEFESA DA EMBRAPA

**Pronunciamento feito pelo Líder do PDT  
no Senado, Senador Maurício Corrêa na  
sessão de 21 de junho de 1991.**

Uma das melhores entidades criadas neste País, algo assim que orgulha todo brasileiro, pela eficiência com que essa empresa tem prestado os seus serviços, que é a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, que está ao abandono e ao relento.

Poucos setores da economia nacional têm taxas de retorno tão elevadas quanto as dos investimentos feitos em pesquisa agropecuária. Estudos realizados sobre os investimentos na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, nos últimos quinze anos, indicam uma taxa de retorno de cerca de 30 a 40%. Isso significa que o capital investido na Embrapa é recuperado mais ou menos em três anos. Mas esse alto e rápido retorno não se manifesta nos balanços financeiros da empresa na forma de lucros diretos. Ele é captado nos benefícios e ganhos difusos, que favorecem toda a sociedade.

*O Sr. Ronan Tito* — Permite-me V. Exª um aparte?

O SR. MAURÍCIO CORRÊA — Concedo o aparte ao nobre Senador.

*O Sr. Ronan Tito* — Senador Maurício Corrêa, eu gostaria de parabenizá-lo pelo tema. A Embrapa merece — e eu sou agricultor — todo o nosso apoio pelos benefícios que ela nos proporciona. Vou citar apenas duas coisas: ela desenvolveu “n” cultivares. Mas, com um cultivar de soja, que ela desenvolveu, há quem produza até sessenta sacas por hectare, quando, antes, produzíamos vinte e duas sacas de soja por hectare. V. Exª tem toda a razão, conheço o espírito do seu pronunciamento, não o teor, mas quero emprestar-lhe o apoio e pedir desculpa por me retirar, porque tenho uma audiência agora, mas quero hipotecar a V. Exª todo o meu apoio. E conte com este modesto parlamentar, no sentido de colocar no orçamento da Embrapa recursos para que ela continue os seus estudos de biogenética, no desenvolvimento e no melhoramento de sementes para o Brasil. E parabenizo a V. Exª pela atualização do pronunciamento. Muito obrigado.

O SR. MAURÍCIO CORRÊA — V. Exª deve ter acompanhado uma publicação, que saiu na *Veja*, sobre um consórcio de ruralistas com a Embrapa. A experiência foi feita aqui, numa cidade de Goiás, se não me engano, em Abadiânia, e o retorno da aplicação foi exatamente de 40%, depois que a Embrapa passou a administrar os interesses daqueles ruralistas. Foi uma reportagem que saiu, em uma edição especial sobre o assunto.

*O Sr. Ronan Tito* — Saiu no *Guia Rural*.

O SR. MAURÍCIO CORRÊA — É verdade.

*O Sr. Ronan Tito* — Comprei três; dei um para o meu filho, fiquei com um e dei o outro para um agricultor. É uma maravilha aquilo. É o desenvolvimento da biogenética proporcionado a este País. Ninguém, por exemplo, ignorou quando Borlaug, no México, produziu um cultivar de trigo com uma produção de 6 mil kg por hectare. A Embrapa bateu esse recorde no ano passado, e ninguém, no Brasil, tocou nesse assunto. Então, por isso, quero dizer para V. Ex<sup>a</sup>, que o seu discurso é da maior seriedade; o Brasil depende da Embrapa, desses técnicos abnegados e competentes, que já deram retorno extraordinário, mas que precisam da nossa assistência permanente. Parabéns a V. Ex<sup>a</sup>

O SR. MAURÍCIO CORRÊA — Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> e o dispênsa, porque sei do seu compromisso. Sei dos seus conhecimentos sobre nossa pecuária e sobre agricultura, de um modo geral.

Prossigo, Sr. Presidente e Srs. Senadores, os investimentos estatais em ciência e tecnologia, sobretudo nos países em desenvolvimento, são da mesma natureza daqueles aplicados em educação e saúde. O seu retorno manifesta-se nos indicadores de progresso econômico e desenvolvimento social. Os ganhos são da sociedade como um todo.

São dessa natureza os ganhos dos investimentos feitos pelo Estado na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. O seu retorno manifesta-se na elevação dos índices de produtividade, no aumento da produção de alimentos, na solução dos problemas de abastecimento interno, nos superávits da nossa balança comercial, na geração de empregos, na distribuição mais equalizada de renda com benefícios para os pequenos e médios produtores rurais, e na melhoria da qualidade de vida para toda a população.

A Embrapa, criada em 1973, tem como missão promover e realizar o desenvolvimento científico e tecnológico para a solução dos problemas do setor agropecuário, florestal e da agroindústria em benefício da sociedade brasileira. No cumprimento dessa missão, trabalham 2.136 pesquisadores, assim distribuídos: 421 com nível de bacharel, 1.141 com nível de mestrado e 574 com nível de doutorado.

Perto de cinco mil projetos de pesquisa estão sendo desenvolvidos por esse pessoal em todo o País, abrangendo uma extensa gama de problemas, que vão da necessidade de maiores conhecimentos científicos sobre o sistema ecológico da Amazônia às demandas de tecnologias dos sistemas de produção modernos e competitivos do Centro-Sul, passando pela superação de fatores restritivos às atividades agrícolas, como as secas no Nordeste e a acidez do solo do Centro-Oeste.

O Salto que a produção nacional de grãos conheceu há cerca de dois anos, passando dos 50 milhões de toneladas para 70 milhões em 1989, é fruto, em grande parte, desse longo trabalho da Embrapa, ao gerar conheci-

mentos e tecnologias e pô-las ao alcance dos produtores rurais. Produzir 100 milhões de toneladas anuais, num prazo de cinco anos, não é difícil, pois já existe tecnologia para isso.

*O Sr. Ney Maranhão* — V. Ex<sup>a</sup> me dá licença para um aparte?

O SR. MAURÍCIO CORRÊA — Senador Ney Maranhão, com o maior prazer.

*O Sr. Ney Maranhão* — Esse assunto sobre a Embrapa, que V. Ex<sup>a</sup> está discorrendo neste instante interessa a todo o Brasil. Há vinte dias, visitei a China, e na próxima semana farei um relatório circunstanciado dessa visita ao país mais populoso da terra, que tem um território pouco maior, mas terras piores que as nossas; não chegam a 19% as terras que se prestam à agricultura; 11% do seu território é de agricultura, o que significa 7% de toda a agricultura do Planeta, e dá alimentação, Sr. Senador, a 22% da população da Terra. Visitei seis províncias, andamos por lá umas dez horas de avião, milhares de quilômetros. Não vi, Senador Maurício Corrêa, ninguém morrendo de fome; ninguém pedindo esmola. Parava, muitas vezes, numa feira do interior, parecia com a nossa, e dizia: vou comer uma melancia para ver se é igual à do Brasil. Mas, queria ver se havia alguém descalço, morrendo de fome, eu pedindo esmola. Não existe, Senador. O governo chinês deu, primeiro, prioridade àquilo que, às vezes, eu dizia aqui no Senado Federal, parafraseando o grande líder da revolução chinesa Mao Tsé-Tung: “Povo de barriga cheia não pensa em revolução”. Eles estão dando um valor imenso à tecnologia da agricultura, como o Senador Ronan Tito falou em aparte dado a V. Ex<sup>a</sup>, com alta produtividade por hectare. A Embrapa, com a sua tecnologia de melhoramento das sementes, passou a produzir sessenta sacas por hectare. Então, todos nós, parlamentares do Congresso Nacional devemos dar um tratamento especial à Embrapa no que diz respeito ao orçamento, porque é o carro-chefe do desenvolvimento da Nação. Porque uma nação que passa fome, como a nossa, com uma população oito vezes menor do que a da China, é uma vergonha para todos nós, Senador. Tenho certeza de que todos estamos conscientes em dar apoio a essa empresa, que será o carro-chefe para chegarmos a cem milhões de grãos, como todos esperamos neste País. Parabéns pelo seu pronunciamento.

O SR. MAURÍCIO CORRÊA — Muito obrigado, nobre Senador Ney Maranhão.

Não sei se V. Ex<sup>a</sup> assistiu ao depoimento do Ministro da Agricultura e Reforma Agrária, Antônio Cabrera, que aqui comparceu a requerimento do Senador Jutahy Magalhães. Infelizmente, não estava presente, mas soube que não houve uma abordagem específica sobre a questão da Embrapa. Creio que nós, senadores, agora, votando a Lei de Diretrizes Orçamentárias, ou seja, o Orçamento da União, poderemos, exatamente, apresentar emendas

para que haja uma dotação correta para salvar a Embrapa. Do contrário, estaremos perdidos, tendo em vista os seus centros de pesquisa espalhados, inclusive, em Santa Catarina, parece-me que em Chapecó, se não me falha a memória, sobre suínos; no Nordeste, sobre caprinos; na Amazônia, sobre produtos tropicais, um fenômeno exótico da nossa flora; pesquisas sobre grãos etc. Enfim, várias pesquisas sobre gado de corte e gado leiteiro, centros que estão correndo risco de perder a sua finalidade, pela inexistência de verbas e pela evasão de técnicos, técnicos que estão, inclusive, saindo do Brasil para atender a convites mais vantajosos de países estrangeiros.

De sorte que é realmente algo de extrema preocupação, para todos nós, a questão da Embrapa. Temos que salvá-la. Procurar explicar às lideranças do Governo, incentivar os meios mais ligados à agricultura, aqui, no Congresso Nacional, para que o Presidente da República envide esforços no sentido de não deixar que a Embrapa entre num processo de extinção, o que será um desastre para um pessoal que pratica um verdadeiro sacerdócio, para técnicos que passaram por estágio no estrangeiro e que têm a maior competência e se dedicam à empresa com entusiasmo.

*O Sr. Esperidião Amin* — Permite V. Ex<sup>a</sup> um aparte? — Sr. Senador Maurício Corrêa, não posso me omitir diante da relevância do tema que V. Ex<sup>a</sup> aborda. Vou trazer dois argumentos adicionais em prol da sua fala. O primeiro é fruto da minha experiência como governador de Santa Catarina. A EMPASC — Empresa de Pesquisa Agropecuária de Santa Catarina, associada, portanto, à Embrapa, em 1984, conseguiu um feito que nos orgulhou a todos nós catarinenses. Dos 25 trabalhos selecionados pela Embrapa naquele ano, quatro foram elaborados em Santa Catarina. Dos 25 trabalhos considerados excelentes no Brasil, quatro foram elaborados em Santa Catarina, portanto quase 20% da produção técnica daquele ano. Como não sou um homem do campo, sou um homem urbano; aprendi o valor da agricultura na crise depois da enchente de 83, quando a única coisa que podíamos fazer era multiplicar a riqueza. Como não tínhamos nenhum Cristo para multiplicar pães e peixes, tivemos que apostar no grão. E só o grão, só a agricultura consegue multiplicar. Plante-se um grão e, tendo sorte, colhem-se 300, 400, 500, 600 grãos.

O SR. MAURÍCIO CORRÊA — Está na Bíblia.

*O Sr. Esperidião Amin* — É o milagre da multiplicação. O único milagre que o ser humano consegue fazer é o milagre agrícola, porque na indústria ou na informática, nenhuma forma sofisticada de transformação consegue fazer o que a agricultura faz. Se se tiver um mínimo de inteligência para apostar nesse grão, isto é, fizer pesquisa agropecuária, em vez de colher 300, a pessoa pode colher 600, 900 grãos. Isso se chama biotecnologia; isso se chama pesquisa agropecuária. Por essa razão, quero dar um segundo aditivo à sua fala. Nós aprendemos em Santa Catarina e saímos do buraco por causa da agricultura, não foi por causa da indústria, não, apesar de ser um estado

industrializado. Apostamos tudo o que tínhamos e não tínhamos na agricultura. Investimos na pesquisa, melhoramos a qualidade do grão. Foram desenvolvidos lá dois tipos de grão de milho e um de soja pela Empresa de Pesquisa Agropecuária de Santa Catarina, adaptados à nossa região. Agora, acontece que o resultado é demorado. Melhoria genética, resultado de pesquisa agropecuária não é coisa para se cobrar à vista; tem-se que investir, tem-se que ter como bem permanente da União. E isso é questão de segurança nacional. Se existe alguma coisa que é de segurança nacional é a pesquisa agropecuária. Por isso, quero me solidarizar com V. Exª e dizer, apenas para concluir, o seguinte: assim como no caso da medida provisória, eu trouxe aqui para os meus companheiros o exemplo de Santa Catarina, onde não se permite a reedição de nenhuma, mas se exige, lá na Constituição estadual, que a Assembléia decida sobre a medida. Não é permitida a omissão. Quero trazer mais um exemplo de Santa Catarina: a Constituição do Estado de Santa Catarina estabeleceu a obrigatoriedade de destinar 1% da receita orçamentária para pesquisa, sendo que metade desse 1% tem que ser, obrigatoriamente, destinada para o projeto de pesquisa agropecuária, porque nós não temos mais lá fronteira agrícola, não temos mais espaço para colonizar. Portanto, naquele hectare disponível, preservadas as matas ciliares, acentuado e aprimorado o cuidado ecológico, nós temos que nos preocupar em colher mais. E só há uma forma de fazer isso: é melhorando a qualidade daquilo que plantamos. Então, em vez de colher 300 grãos, vamos tentar colher 350, 400, como fizeram aqueles de quem vamos, desgraçadamente importar grãos este ano, porque se cometeu, neste País, um crime — aqui reconhecido pelo Ministro da Agricultura, Antônio Cabrera. Lamentou V. Exª não estar presente quando S. Exª esteve, nesta Casa, há menos de quinze dias. O crime, repito, de termos nos negado a aplicar na agricultura, no ano passado, 1 bilhão e 500 milhões de dólares emprestados em moeda nacional. Principalmente, por isso, vamos importar em moeda forte e gastar — pay off, isto é, vai e não volta — 1 bilhão e 800 milhões de dólares. Eu tinha a obrigação moral de trazer essas advertências e essa contribuição em aditamento, em solidariedade ao pronunciamento de V. Exª Muito obrigado.

O SR. MAURÍCIO CORRÊA — Fico satisfeito com o seu aparte, porque V. Exª foi um governador de Santa Catarina da mais alta eficiência, reconhecido em todo o Brasil. Portanto, a exemplificação que traz V. Exª sobre a indispensável necessidade da pesquisa, apesar do seu retorno às vezes demorado, não pode deixar de ser reconhecida por nós, pelo Governo, porque na agricultura está a salvação do nosso País. V. Exª sabe muito bem que exportamos muito do que produz a lavoura. Salvo engano, Santa Catarina é o maior exportador de frangos, é o maior produtor brasileiro, porque há facilidade de grãos ali por perto, não só para a produção do estado, mas para a de outros estados do Sul, que fornecem para esse e outros setores. O aparte de V. Exª engrandece e dimensiona o meu discurso.

*O Sr. Francisco Rollemberg* — Nobre Senador, V. Ex<sup>a</sup> concede um aparte?

O SR. MAURÍCIO CORRÊA — Sr. Presidente, vejo que V. Ex<sup>a</sup> já aciona a campanha. Quero conceder um aparte ao Senador Francisco Rollemberg e prometo, em seguida, acelerar, aproveitando, este momento, para cumprimentar V. Ex<sup>a</sup>

Nobre Senador Dirceu Carneiro, V. Ex<sup>a</sup> tem presidido esta Casa procurando cumprir o Regimento, às vezes até desagradando alguns. Mas, se não cumprirmos o Regimento, não conseguiremos trabalhar, ou daremos oportunidade a uns mais do que a outros. E V. Ex<sup>a</sup> sabiamente utiliza a máxima: *in medio est virtus*, isto é, no meio está a virtude.

Em determinadas circunstâncias em que é possível prolongar, por razões até de equidade, V. Ex<sup>a</sup> tem sido tolerante. De modo que é com seriedade que lhe dirijo esta manifestação.

Concedo o aparte ao nobre Senador Francisco Rollemberg, com muito prazer.

*O Sr. Francisco Rollemberg* — Eminentíssimo Senador Maurício Corrêa, faz V. Ex<sup>a</sup>, nesta manhã, um pronunciamento da maior seriedade, quando diz das suas preocupações com o que ocorre com a Embrapa. Quando V. Ex<sup>a</sup> falava, estava a me recordar de uma mocidade não muito distante, na minha terra, que ainda é um pólo açucareiro do meu estado, da pouca produtividade que tinham os empresários naquela oportunidade. Usavam um tipo de cana conhecida como piojota, cana cubana, de produtividade mínima. As plantações de milho quase não tinham retorno; nosso milho era de péssima qualidade. Criava-se o porco piau, porco caipira, de produtividade pequena, o cabrito nordestino, o boi pé-duro. Ora, depois das pesquisas, o que ocorreu? Começamos a fazer o trabalho de clonificação, seleção de sementes, e a produtividade da cana-de-açúcar aumentou de uma maneira espetacular — está o Senador Ney Maranhão a confirmar o que digo. Os cabritos e os carneiros de nossa terra acabaram gerando grandes ovinos, como o Santa Inês, que é uma raça eminentemente nacional, produto de pesquisa feita no Brasil. Veio o milho híbrido, veio a melhoria do cacau, veio a melhoria do gado bovino. E o porco da minha infância, o cabrito da minha infância, a cana piojota da minha infância, a laranja, o cítrico da minha infância, todos eles, praticamente, desapareceram, numa avalanche de melhorias científicas e tecnológicas provocadas pelas empresas de pesquisas do Governo, que puderam massificar os conhecimentos e levar ao agricultor e ao pecuarista brasileiro essas melhorias. Participei, Senador Maurício Corrêa, de “dias de campo”, quando os pesquisadores, os agrônomos brasileiros e veterinários iam passar com a sua comitiva de técnicos de determinado local, e convocavam os plantadores e os fazendeiros da região. Lá lhes transmitiam, demonstrando o uso, ensinando como se fazia com um trator, como se melhorava uma espécie, como se fazia uma inseminação artificial. E eles aprendiam *in loco*. Era o chamado “dia de

campo”. Com essa desativação, confesso, Senador Maurício Corrêa, que estou a vislumbrar o regresso àquela minha mocidade, que eu esperava não ver mais, porque aquilo era um passado, era um pouco da história. V. Ex<sup>a</sup> se lembra, há poucos dias, da minha preocupação quando vim à tribuna falar do problema de ética e pesquisa científica. É evidente que temos algumas limitações nessa área. Mas, Senador Maurício Corrêa, a pesquisa no Brasil estava suficientemente avançada para que não sofresse os cortes que está sofrendo agora. Na área dos agrotóxicos, por exemplo, o *bacillus clarens* praticamente eliminou os agrotóxicos no combate à cigarrinha da cana-de-açúcar e à cigarrinha dos pastos. As provas cruzadas de competição em agricultura têm eliminado, de maneira substancial, o uso de herbicidas, de agrotóxicos. A melhoria da qualidade dos produtos tem sido excepcional, e o que estamos vendo agora é que estamos na ante-sala do retrocesso, não só pela desativação como também — como bem lembrou o Senador — pela falta de investimento com retorno, de empréstimo, em moeda nossa, ao agricultor e ao pecuarista brasileiro. V. Ex<sup>a</sup> fez muito bem em vir à tribuna neste instante. Eu o felicito por isso.

O SR. MAURÍCIO CORRÊA — Muito obrigado, Senador Francisco Rollemberg. Veja V. Ex<sup>a</sup> a utilidade da Embrapa. Estávamos correndo o risco de perder o rebanho, que foi trazido para cá, na época do descobrimento, de uma raça de gado chamada curraleira, da ilha da Madeira, de Cabo Verde, quando se iniciou a colonização. Com a chegada do zebu e de outras raças, aquelas primitivas estavam desaparecendo. Hoje, sabemos que, através da genética, é possível se combinarem determinadas raças para chegar-se ao resultado de uma mais aperfeiçoada. E foi graças à Embrapa que foram preservados os embriões desses curraleiros, assim como de outras espécies de caprinos e ovinos que existiam aqui.

Portanto, é indispensável que haja incentivos para a manutenção da Embrapa.

Nobre Senador Francisco Rollemberg, entendi quando V. Ex<sup>a</sup> utilizou a tribuna para falar, por exemplo, sobre a questão dos limites do avanço tecnológico em termos de genes, quer dizer, essa monstruosidade que se desenvolve — e até aparteei V. Ex<sup>a</sup> sobre o famoso livro “Admirável Mundo Novo”, de Aldous Huxley, que me causou uma impressão profunda, pelo risco que corremos com as deformações que poderão surgir, com os tipos híbridos que poderão um dia sair dos laboratórios —, que tudo isso, sem dúvida nenhuma, construirá, esmagando a ética e a moral, um comportamento que não sei qual será.

Evidentemente que esse é um tipo de pesquisa que tem que ter o seu limite; mas, no que tange à pesquisa agropecuária, não há limites para que nós nos aperfeiçoemos, a fim de que a produção aumente cada vez mais. Entendi, perfeitamente, e agradeço a V. Ex<sup>a</sup>

A queda na produção de grãos no ano passado, com uma previsão de 56 milhões de toneladas para este, é sinal do esgotamento do nosso modelo histórico de desenvolvimento. Tanto o modelo mercantilista da Colônia e do Império, como o capitalista da República, funda-se na suposição de que a abundância dos recursos naturais permite a sua exploração econômica, com baixa tecnologia e de forma predatória.

No final dos anos 60 e início da década seguinte, o chamado "milagre econômico brasileiro" foi uma tentativa de desenvolvimento acelerado do País dentro daquele modelo arcaico. O resultado, o triste resultado, foi a exacerbação do dualismo social manifestado nos graves problemas de ajustamento sócio-político, tais como desigualdade na distribuição de renda, fome e miséria de substancial parcela da população. Relatório da ONU, divulgado há poucos dias, aponta o Brasil entre os casos mais vergonhosos de sociedade discriminatória e injusta.

Não obstante as nossas aspirações de ingressar na comunidade dos países modernos, progressistas e desenvolvidos, ainda não nos demos conta da alta importância que aquelas sociedades desenvolvidas estão dispensando à ciência e tecnologia. Queremos progredir, mas nos aferramos a vicioso modelo de desenvolvimento que só tem gerado fome e miséria.

De modo especial, ainda não percebemos que a moderna política agrícola, como é praticada nos países mais desenvolvidos, parte do princípio basilar de que o crescimento contínuo da produtividade agrícola só é possível na medida em que se amplie a sua base científica. Sem essa base, não há produção agropecuária crescente e auto-sustentada, e muito menos preservação da qualidade do meio ambiente e dos recursos naturais. Aumentar a produção agrícola sem um adequado suporte tecnológico é o caminho mais curto para degradar o meio ambiente e a qualidade de vida da humanidade.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, enquanto no mundo inteiro se discutem os problemas ecológicos da Amazônia, de forma apaixonada e amadorística, sem um mínimo de conhecimento científico a respeito daquele ecossistema, os pesquisadores da Embrapa, sem alardes, como convém a cientistas, embrenham-se floresta adentro no afã de ampliar o conhecimento sistematizado e científico da Amazônia. Desenvolvem, de modo especial, a pesquisa agropecuária e florestal, para permitir a ocupação racional do solo, evitando a destruição de novas áreas e promovendo a recuperação das áreas já degradadas.

Eles se propõem o desafio de gerar conhecimento científico e tecnologias que possibilitem diminuir a agressão da agricultura intensiva sobre o meio ambiente, e explorar as regiões de fronteira, como a Amazônia, para o bem-estar econômico e social do País e da humanidade, evitando o seu esgotamento, causado pelo uso inadequado de técnicas agrícolas.

Com esse desafio, os pesquisadores da Embrapa estão propondo à sociedade brasileira um novo modelo de desenvolvimento, o modelo de produção auto-sustentada. Eles se propõem desenvolver ações de pesquisa que redun-

dem em conhecimentos científicos e tecnologias capazes de garantir uma produção agrícola auto-sustentada, sem grandes riscos de degradação dos fatores de produção, sobretudo dos do homem, do meio ambiente e dos equipamentos, com patamares elevados de produtividade, redução dos custos, preços mais competitivos dos produtos agrícolas nos mercados interno e externo, e conseqüentes melhorias no nível de renda e na qualidade de vida do homem rural brasileiro.

O cumprimento dessa missão requer a execução de atividades de caráter eminentemente contínuo e de longa maturação. Em média, são necessários sete anos para que um projeto de pesquisa chegue a resultados transferíveis aos agricultores.

Dessa forma, a tecnologia hoje ao alcance dos produtores é resultado de decisões tomadas no passado. Por isso, a antevisão de situações futuras e das conseqüentes demandas tecnológicas constitui fator indispensável à eficiente e eficaz tomada de decisões por parte da direção da empresa, dos seus gerentes de pesquisa e cientistas.

Ciente dessa necessidade da antevisão de situações futuras para a tomada de decisões no presente, a Embrapa montou uma equipe multidisciplinar, no primeiro semestre de 1990, para elaborar cenários alternativos, como instrumento de planejamento estratégico. A análise das influências recíprocas de fatores econômicos, sociais, políticos, culturais e tecnológicos, atuantes no ambiente externo da empresa, no âmbito nacional e internacional, permite construir futuros alternativos que possam servir como subsídios para as tomadas de decisão. Os cenários alternativos apontam, assim, elaborados caminhos possíveis na direção do futuro, enquanto aumentam a compreensão dos eventos potenciais e políticas de longo prazo, em nível regional ou nacional.

Como empresa dedicada à geração de conhecimento científico, a Embrapa toma posição de vanguarda dentro da sociedade brasileira. E, ao adotar a técnica de cenários alternativos, mais uma vez se antecipa aos demais setores nacionais. Adota técnicas em largo uso pelas maiores empresas multinacionais. Dessa forma, aponta para toda a sociedade brasileira, sobretudo aos setores produtivos, os caminhos da modernidade.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, como vimos, a Embrapa é uma empresa estatal que deu certo, ocupa uma posição de vanguarda dentro da sociedade brasileira e possui uma larga folha de serviços prestados ao desenvolvimento nacional. No entanto, está a pedir socorro. Repetimos aqui o que disse um dos seus mais antigos empregados, que a viu nascer, crescer e produzir tecnologias que estão transformando o Brasil: "A Embrapa está morrendo de inanição".

Nos últimos seis anos, perdeu 38% dos seus recursos orçamentários, e o custeio das pesquisas foi reduzido para menos de 15% do seu orçamento. Em conseqüência, cerca de setecentos pesquisadores, no mesmo período,

desestimulados pelas más condições de trabalho e baixos salários, deixaram a empresa atraídos por outros centros de pesquisa no País e no exterior.

No Governo Collor, a reforma administrativa demitiu 755 dos seus empregados, entre os quais 45 pesquisadores com nível de doutorado e 56 com o de mestrado. E vale dizer, Srs. Senadores, que a Embrapa nunca serviu de cabide de empregos.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, a sociedade brasileira precisa compreender uma verdade: sem ciência e tecnologia não será possível superar o seu atraso econômico e social, e resgatar da fome e da miséria milhões de brasileiros. E para isso é preciso investir maciçamente na pesquisa agropecuária, no trabalho silencioso e anônimo dos pesquisadores da Embrapa.

Ao concluir, Sr. Presidente, do fundo do meu coração, faço um dramático apelo à consciência nacional, aos parlamentares, à sociedade civil, para que nos demos os braços e envidemos todos os nossos esforços para salvar a Embrapa, uma grande instituição, cujas pesquisas têm dado um retorno extraordinário ao crescimento do Brasil e que está às portas da falência, de encerrar as suas atividades por falta, exatamente, de quem luta em defesa dessa importantíssima empresa, que deve ser por nós sagrada e altamente defendida.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (Muito bem!)